

## Doação de órgãos e informação: avaliação na mudança de opinião em alunos de escolas públicas da cidade de Campina Grande, PB

*Organ donation and information: evaluation of the change of opinion among public school students in the city of Campina Grande, PB*

Natalia Tetemann Vilarim<sup>1</sup>

Thamiris Miranda Granja<sup>2</sup>

Edmundo de Oliveira Gaudêncio<sup>3</sup>

**Resumo:** O transplante de órgãos tem como objetivo salvar e/ou melhorar a qualidade de vida. Entretanto, não há órgãos disponíveis para todos os potenciais receptores, isso resulta em significativa mortalidade de pacientes na fila de espera. Ações educativas acerca desse tema – ainda tão pouco discutido no Brasil – são necessárias para mudar a atual realidade, já que a vontade do doador falecido deve ser declarada única e exclusivamente através de sua família, sendo esse o principal propósito do Projeto de Extensão intitulado “Doação de Órgãos: um diálogo que pode salvar vidas” promovido pelos alunos de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Para tanto, foram realizados encontros com trezentos e setenta e sete alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, com o objetivo geral de conscientizar a sociedade para a doação de órgãos. Nesses encontros foram abordados temas denominados básicos sobre o processo doação-transplante, além da aplicação de questionários idênticos antes e depois das palestras para avaliar os efeitos sobre os alunos-alvo do projeto. Através dos dados coletados, verificou-se que o impacto que o Projeto produziu nos alunos foi positivo, visto que eles, de maneira geral, conseguiram assimilar grande parte das informações expostas e, conseqüentemente, modificaram suas respostas no questionário dois.

**Palavras-chave:** Doação de órgãos. Intervenção pedagógica. Instrução.

**Abstract:** Organ transplantation aims to save and/or improve the quality of life. However, there are no organs available for all potential recipients, this results in significant mortality of patients on the waiting list. Educational actions on this theme - still so little discussed in Brazil - are necessary to change the current reality, since the will of the deceased donor must be declared solely and exclusively through his family, which is the main purpose of the Extension Project entitled “Organ Donation: a dialogue that can save lives” promoted by medical students at the Federal University of Campina Grande (UFCG). To this end, meetings were held with three hundred and seventy-seven students from elementary and high school, with the general objective of raising awareness in society for organ donation. In these meetings, topics called basic about the donation-transplantation process were addressed, in addition to the application of identical questionnaires before and after the lectures to assess the effects on the target students of the project. Through the data collected, it was found that the impact that the Project produced

<sup>1</sup> Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: [natalia.tv@hotmail.com](mailto:natalia.tv@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: [thamirisgranja@hotmail.com](mailto:thamirisgranja@hotmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: [edmundogaudencio@hotmail.com](mailto:edmundogaudencio@hotmail.com)

on the students was positive, since they, in general, managed to assimilate most of the information exposed and, consequently, modified their responses in questionnaire two.

**Keywords:** Organ donation. Pedagogical intervention. Instruction.

## 1 INTRODUÇÃO

O transplante de órgãos torna possível salvar vidas ou mesmo melhorar a qualidade de vida, como, por exemplo, os transplantes de pele e de córnea. Contudo, a quantidade de órgãos disponíveis costuma ser inferior a de potenciais receptores, resultando em significativa mortalidade de pacientes na fila de espera. Para minimizar essa discrepância diversas estratégias têm sido aplicadas, destacando-se: incluir o uso de doadores vivos para os casos de transplante de rim, fígado e pulmão e a expansão dos critérios de utilização de doadores falecidos, como idosos, hipertensos, entre outros (GARCIA; PEREIRA; GARCIA, 2015).

Em contrapartida, o processo de efetivação de uma doação é extremamente complexo, sendo necessária, dentre outras etapas, a identificação do doador pela equipe médica e a autorização pelos familiares do doador. Sendo assim, deficiências na educação sobre o assunto tanto por parte dos profissionais de saúde quanto por parte dos familiares, como também se a pessoa falecida nunca manifestou sua opinião a respeito do desejo de ser um doador, aumentam a probabilidade de uma resposta negativa (GARCIA; PEREIRA; GARCIA, 2015).

A consequência direta dos problemas supracitados é a redução da taxa de doadores efetivos significando a ausência, para muitas pessoas, da chance de ganhar uma nova vida. Por esse motivo é importante manter os profissionais de saúde e a população bem informados para entender questões como: o que é morte encefálica, como se dá a distribuição de órgãos, que o comércio de órgãos é proibido, que todas as religiões

apoiam a doação, que o corpo do doador não fica esteticamente mutilado, entre muitas outras questões (GARCIA; PEREIRA; GARCIA, 2015).

Portanto, fomentar discussões e campanhas que disponibilizem informações claras e específicas a respeito dos conceitos básicos de morte encefálica, doação de órgãos, custo de doação, aparência do corpo após a retirada de órgãos, aspectos éticos, experiências da família do doador e do receptor, entre outras orientações, contribuem para a diminuição do tempo e no sofrimento para aqueles que aguardam um órgão na fila do transplante no Brasil.

Diante disso, o objetivo do Projeto de Extensão intitulado “Doação de Órgãos: um diálogo que pode salvar vidas”, que ocorreu do dia 29 de maio de 2019 ao dia 30 de dezembro de 2019, foi conscientizar a sociedade para a doação de órgãos. Para isso, buscou-se: divulgar a importância da doação de órgãos como uma ação que pode ajudar ou até mesmo salvar a vida de pessoas; estimular a discussão e o esclarecimento sobre essa decisão dentro do ambiente familiar; e esclarecer as dúvidas sobre o tema, desfazendo mitos e reduzindo anseios quanto à doações.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Na década de 60, mais precisamente em 1964, foi realizado o primeiro transplante renal no Brasil, sendo esse o marco inicial da história dos transplantes no país. Porém, foi apenas a partir de 1996 que o número de transplantes de outros órgãos sólidos tornou-se expressivo. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CIRURGIA CARDIOVASCULAR - SBVC, 2003).

O início da história do transplante de órgãos no Brasil foi conturbado e pouco uniforme, isso porque ainda não havia uma legislação apropriada

que regulamentasse a realização do transplante. O que existiam eram regulamentações regionais, desenvolvidas informalmente, justificando o atraso para que o processo se tornasse significativo a nível nacional. (SBVC, 2003).

Assim, com a emergência do serviço de transplantes no Brasil, surgiu a necessidade de regulamentar esta atividade e, em 4 de fevereiro de 1997, foi publicada a Lei nº 9.434 sobre a disposição da remoção de órgãos, tecidos e partes do corpo humano para fins de transplante e tratamento (SBVC, 2003).

De acordo com esta lei, fica garantido o respeito à vontade de cada um de ser ou não doador *post mortem* de órgãos, através de um consentimento informado, segundo o qual a decisão sobre a doação pertencia aos familiares do potencial doador. Ainda em 1997 também foram criados o Sistema Nacional de Transplante (SNT) e as Centrais de Notificação, Captação e Distribuição de Órgãos (CNCDO), estabelecendo a forma de distribuição dos órgãos e tecidos nas listas de espera (SBVC, 2003).

Em 26 de outubro de 2000 foram estabelecidas mudanças no sistema de doação de órgãos e passava a vigorar a obrigatoriedade do registro da manifestação de vontade – “doador” ou “não doador” – das carteiras de identidade e de habilitação. Entretanto, não encontrando respaldo da sociedade, foi restabelecida a obrigatoriedade de consulta à família para a autorização da doação e retirada de órgãos em 2001 (ABTO, 2003).

Com isso, fica clara a necessidade de estimular a discussão e o esclarecimento sobre essa decisão dentro do ambiente familiar, já que, no Brasil, a autorização final acerca da efetivação de uma doação é realizada exclusivamente pelos familiares. Portanto, é a partir do diálogo

sobre o assunto, ainda em vida, que o processo doação-transplante tornasse mais rápido, aumentando as chances de sucesso.

### 3 METODOLOGIA

Na primeira etapa do Projeto, realizou-se um processo seletivo com alunos do curso de Medicina da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com os seguintes critérios de inclusão: estar matriculado do 4º ao 8º período do curso e dispor de 12 horas semanais livres. Após entrevista com os inscritos no processo seletivo, foram selecionados oito discentes para composição do grupo, além das duas autoras do Projeto de Extensão, totalizando uma equipe composta por dez discentes, além de um coordenador e uma orientadora.

Aproximadamente dois meses antes de iniciar as atividades, os extensionistas realizaram a leitura da obra “Doação e transplante de órgãos e tecidos” (GARCIA; PEREIRA; GARCIA, 2015), a qual serviu de embasamento teórico para os encontros semanais realizados em grupo onde ocorreram as discussões sobre o tema. Ao final desses dois meses, realizou-se uma capacitação da equipe com a Central de Captação de Órgãos e Tecidos de Campina Grande (CCOT-CG), a fim de nivelar o conhecimento entre os extensionistas, garantindo o preparo adequado do material a ser utilizado nas palestras.

Para complementar os encontros teóricos, foi realizado um pequeno estudo de campo com a aplicação de 100 questionários elaborados pela equipe, distribuídos de forma randômica pelos extensionistas, nos principais espaços públicos da cidade de Campina Grande. A partir da pesquisa, pôde-se fazer um levantamento inicial sobre as principais dúvidas que a população em geral tem sobre o tema, concluindo a

produção do material. Após as entrevistas foram distribuídos folders informativos disponibilizados previamente pela CCOT-CG.

Na segunda etapa, o Projeto foi desenvolvido nas escolas públicas da cidade de Campina Grande, Paraíba, sendo elas: EEEFM Félix Araújo, EEEFM Senador Argemiro de Figueiredo (Polivalente), EEEFM Ademar Veloso da Silveira e Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Nossa Senhora do Rosário. Foram realizadas palestras expositivas e interativas, com participação de discentes do curso de Medicina da UFCG, em horários predeterminados juntamente à Direção das instituições.

Esses encontros, de duração aproximada de 50 minutos, ocorreram em salas e/ou auditórios e utilizaram os recursos didáticos disponíveis em cada local. Antes e após as visitas era aplicado um questionário rápido para avaliar os desdobramentos dos efeitos que o projeto causou nessa comunidade.

Nos encontros foram abordados temas denominados básicos. São eles: "Critérios para doação e como ocorre o procedimento"; "Mitos e verdades" e "Por que ser um doador?", que se deram da seguinte maneira:

- a) desenvolvimento de recintos lúdicos para discussão do tema com alunos do Ensino Fundamenta;
- b) oferecimento de espaços de conversas para alunos do Ensino Médio.

No mês de setembro, é celebrado o Setembro Verde, em virtude do Dia Nacional da Doação de Órgãos e Tecidos (27/09), o Projeto de Extensão dedicou-se também na realização de intervenções em locais públicos (Shoppings, praças e supermercados), previamente

selecionados pelo coordenador do Projeto, como um adendo as atividades já executadas. Os extensionistas foram divididos em duas equipes compostas por cinco alunos, cada um desses subgrupos ficando responsável pela visitação de dois espaços públicos e montagem de stands com banners, além da distribuição de folders informativos criados pelos mesmos. Nesses espaços a comunidade encontrou informações simples e acessíveis sobre a doação de órgãos, de maneira a esclarecer dúvidas e estimular o diálogo nas famílias.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira etapa foram entrevistadas 100 pessoas em diferentes locais da cidade de Campina Grande, Paraíba: Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), Praça da Bandeira, Parque da Criança, Shopping Cirne Center, Atacarejo, Terminal de Integração e Transporte Público. Destacamos os seguintes resultados:

**Tabela 1 – Resultados do Estudo de Campo**

Estudo de Campo	Questionamentos Realizados	
	Intenção de ser doador de órgãos	Conversou com a família sobre doação de órgãos
(a) Sim	70	37
(b) Não	30	63

Fonte: Projeto de Extensão “Doação de Órgãos: um diálogo que pode salvar vidas” (2019).

Pode-se observar, a partir dos resultados obtidos no estudo de campo (Tabela 1), que a intenção de doar órgãos é relativamente elevada. Isso também foi constatado por uma pesquisa realizada pelo Instituto

Datafolha, encomendada em 2009 pela ONG ADOTE<sup>4</sup>, em que a maioria da população doaria seus órgãos para transplante. Essa afirmativa é válida para todas as faixas etárias e de renda, qualquer classe social, nível de escolaridade e religião e independe do sexo. Nessa pesquisa, foram entrevistadas mais de 2 mil pessoas de 118 municípios, para as quais foi feita a seguinte pergunta: “Você doaria órgãos do seu corpo para serem transplantados após sua morte?”; 64% das pessoas responderam “sim”, enquanto 28% responderam “não”, 7% não souberam ou não quiseram responder e 1% respondeu que depende (GARCIA; PEREIRA; GARCIA, 2015).

Ainda na pesquisa realizada em 2009 foram feitos os questionamentos:

Com respeito ao diálogo com a família (“Você já conversou com a sua família sobre a sua intenção de ser ou não ser doador de órgãos?”) sobre ser ou não doador de órgãos, 39% dos entrevistados responderam que já informaram para a família a sua intenção de serem doadores. Esse percentual chegou a 50% entre aqueles que seriam doadores. Dos 60% que não conversaram, 89% estão entre aqueles que não seriam doadores (GARCIA; PEREIRA; GARCIA, 2015, p. 535-536).

Aos entrevistados que não haviam conversado com a família, foi feita mais uma pergunta: “E você conversaria com a sua família sobre a sua intenção de ser ou não ser doador de órgãos?”; 65% (89% dos doadores) responderam que conversariam e 34% (68% dos não doadores) responderam que não conversariam (GARCIA *et al.*, 2015, p. 536).

Pesquisas, como as realizadas por Santos e Massarollo (2005 *apud* QUINTANA; ARPINI, 2009) e por Rodrigues e Sato (2002 *apud* QUINTANA; ARPINI, 2009), também apontaram que a maioria das pessoas concorda quanto à importância atribuída ao ato de doar. Porém,

<sup>4</sup> ADOTE. A intenção de doar órgãos da população brasileira. 2016. Disponível em: <http://www.adote.org.br/resultado-pesquisa.htm>. Acesso em: 18 mar. 2020.

o número efetivo de doadores indica que as diversas campanhas para captar doadores de órgãos podem não estar alcançando os resultados esperados, resultando num grande número de pessoas à espera da doação e em um número reduzido de doadores (QUINTANA; ARPINI, 2009).

Da mesma maneira, nesse estudo de campo, a maior parte dos entrevistados assinalaram afirmativamente a intenção de ser doador. No entanto, os dados oficiais em relação à Paraíba obtidos pelo Registro Brasileiro de Transplantes (RBT)<sup>5</sup> refletem justamente o oposto, pois os 63 doadores elegíveis em 2018, apenas 07 foram efetivos. Uma justificativa provável e compatível com a literatura seria o pequeno número de pessoas que conversaram com seus familiares sobre o tema nesse estudo, já que, no Brasil, para a doação ser efetivada é necessário apenas que a família autorize.

Em 1995, um estudo desenvolvido por Moraes e Massarollo (1995 *apud* MORAIS; MORAIS, 2012) apontou que os principais motivos de recusa no momento da doação de órgãos são: crença religiosa; não compreensão do quadro de morte encefálica e crença na possível reversão do quadro; não aceitação de manipulação do corpo de parente morto; o medo da reação da família; a inadequação da informação e a ausência de confirmação da morte encefálica; a desconfiança na assistência e o medo do comércio de órgãos; a inadequação do processo de doação; o desejo do paciente falecido, manifestado em vida, de não ser um doador de órgãos; e o medo da perda do ente querido (MORAIS; MORAIS, 2012).

---

<sup>5</sup> RBT; ABTO. Dimensionamento dos Transplantes no Brasil e em cada estado (2018). Disponível em: [http://www.abto.org.br/abtov03/Upload/file/RBT/2018/Lv\\_RBT-2018.pdf](http://www.abto.org.br/abtov03/Upload/file/RBT/2018/Lv_RBT-2018.pdf). Acesso em: 29 jun. 2020.

Da mesma maneira, neste estudo de campo, dentre os entrevistados que não tinham intenção de serem doadores, os motivos relatados para tal decisão foram: 12 pessoas por medo, 04 por desinformação, 03 por motivo religioso, 05 simplesmente não querem e 06 por outros motivos. Isso comprova que a falta de informação, que na maior parte dos casos leva ao medo, ainda é um dos maiores problemas a serem enfrentados no Brasil, quando se trata da doação de órgãos.

Quando não há uma boa compreensão do processo de doação de órgãos, os familiares dos possíveis doadores sentem-se apreensivos, em dúvida e indecisos no momento da ocorrência, por ser um assunto sobre o qual não têm muito esclarecimento, o que leva aos baixos índices de doadores efetivos (JESUS, 2019).

Nos países desenvolvidos, a taxa de doadores varia de 15 a 35 por milhão de população ao ano (pmp/ano), enquanto, no Brasil, em 2014, foi de 14,2 pmp. A meta era atingir 20 doadores efetivos pmp em 2017, com taxa de notificação de 55% e de efetivação de 36%. Porém, no ano de 2018, o Brasil atingiu apenas 17 doadores efetivos pmp, com taxa de notificação de 51,9% e de efetivação de aproximadamente 33%. Portanto, o crescimento atingido não foi suficiente para alcançar as metas estipuladas, destacando a necessidade de políticas públicas voltadas à doação de órgãos (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS, 2018).

Analisando os anos de 2017 e 2018, apresentados nas Figuras 1 e 02, o Brasil aumentou, mesmo que pouco, o número de doadores efetivos (16,9 para 17,0 pmp/ano), enquanto a Paraíba sofreu diminuição (2,0 para 1,7 pmp/ano). Dessa maneira, o estado ainda se encontra bem abaixo da média nacional, obtendo um dos menores índices de número de doadores efetivos do Brasil, estando em 23º no ranking, o que justificaria um projeto

que estimulasse o diálogo sobre o assunto, visando aumentar o número de doadores nessa região (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS, 2018).

**Figura 1 – Resultados do RBT no Brasil e na Paraíba em 2017**  
Número de notificações de potenciais doadores, doadores efetivos e doadores cujos órgãos foram transplantados por estado, durante o ano de 2017.

Estado	Notificações (potenciais doadores)		Não Doadores		Doadores Elegíveis		Doadores Efetivos		Doadores cujos órgãos foram transplantados		Doadores de Múltiplos Órgãos	
	Nº	pmp/ano	Nº	%	Nº	pmp/ano	Nº	pmp/ano	Nº	pmp/ano	Nº	%
Total - Brasil	10.629	51,6	7.214	(68%)	5.917	36,7	3.415	16,6	3.100	15,0	2.001	(65%)
Paraíba	128	32,0	120	(94%)	74	18,5	8	2,0	5	1,3	5	(100%)

Fonte: Registro Brasileiro de Transplantes (2017).

**Figura 2 – Resultados do RBT no Brasil e na Paraíba em 2018**  
Número de notificações de potenciais doadores, doadores efetivos e doadores cujos órgãos foram transplantados por estado, durante o ano de 2018.

Estado	Notificações (potenciais doadores)		Não Doadores		Doadores Elegíveis		Doadores Efetivos		Doadores cujos órgãos foram transplantados		Doadores de Múltiplos Órgãos	
	Nº	pmp/ano	Nº	%	Nº	pmp/ano	Nº	pmp/ano	Nº	pmp/ano	Nº	%
Total - Brasil	10.778	51,9	7.247	(67%)	5.881	28,3	3.531	17,0	3.032	14,6	2.021	(67%)
Paraíba	118	29,3	111	(94%)	63	15,7	7	1,7	6	1,5	5	(83%)

Fonte: Registro Brasileiro de Transplantes (2018).

Diante disso, fica clara a importância da disseminação de informações sobre o tema e do incentivo para o diálogo dentro da própria família, justificando assim a relevância social de um projeto voltado para esse tema.

Utilizando como base os dados obtidos no estudo de campo, foram elaboradas palestras interativas para os alunos de escolas públicas de Campina Grande (PB) com o intuito de apresentar informação para o que é o futuro da educação brasileira, objetivando formar gerações mais conscientes sobre o processo de doação de órgãos. E, para mensurar o

impacto dessa ação educativa, foram aplicados dois questionários exatamente iguais, antes e depois de cada apresentação, cujas informações obtidas foram aplicadas em uma Base de Dados, conseguindo-se os resultados apresentados na Tabela 2.

No total, 377 alunos foram entrevistados. Desses, 156 eram do 9º ano do Ensino Fundamental (EF); 119 do 1º ano do Ensino Médio (EM); 72 do 2º ano do EM e 30 do 3º ano do EM.

**Tabela 2 – Resultados dos questionários aplicados**

Perguntas	Questionários 01		Questionários 02	
	Sim	Não	Sim	Não
(a) Você tem intenção de ser doador de órgãos?	250	127	283	94
(b) Você acha que alguns órgãos podem ser doados em vida?	350	27	369	08
(c) Você sabe o que é morte encefálica?	195	182	373	04
(d) Você sabe quais órgãos e tecidos podem ser doados?	160	217	368	09
(e) Você acha que a doação de órgãos e tecidos deixa o corpo deformado?	69	308	38	339
(f) Existe idade adequada para ser doador de órgãos?	280	97	280	97
(g) Você acha que existe um mercado negro dos órgãos?	315	62	271	106
(h) É necessário possuir uma “carteirinha” para ser doador?	274	103	123	254
(i) Em uma emergência, a prioridade será a doação de órgãos?	261	116	230	247
(j) Quem recebe um órgão passa a apresentar os mesmos comportamentos do doador?	49	328	24	353
(k) E quando a pessoa doa algum órgão ainda em vida, o seu corpo sente a falta desse órgão que foi retirado?	228	149	87	290

---

(l) Minha família terá custos se eu for doador de órgãos?	74	303	10	367
---	----	-----	----	-----

---

Fonte: Projeto de Extensão “Doação de Órgãos: um diálogo que pode salvar vidas” (2019).

Analisando os dados da Tabela 2, pode-se confirmar que um dos objetivos do Projeto foi alcançado: aumentar o número de pessoas com a intenção de serem possíveis doadores. No total, 33 pessoas (25,98%) foram conscientizadas com a palestra e se declararam doadoras no segundo questionário aplicado. Isso reafirma que, através da sensibilização, e somente através dela, os resultados do processo referido no Projeto retornaram à comunidade.

Apesar desse número não ser tão grande quanto se imaginava, um outro objetivo do Projeto também foi alcançado: esclarecer as dúvidas sobre o tema. Isso fica evidente quando observa-se que, com relação à pergunta “Você sabe o que é morte encefálica?”, 182 alunos responderam que não sabiam e, após a apresentação das palestras, proferidas pelos extensionistas, apenas 04 continuaram respondendo que não. Ao analisar a quarta questão “Você sabe quais órgãos e tecidos podem ser doados?”, 217 não sabiam e, após a exposição, apenas 09 continuaram com a mesma resposta.

Outra meta que se buscou alcançar era desfazer os mitos relacionados à doação de órgãos, o que se pode analisar a partir das perguntas: “Você acha que a doação de órgãos e tecidos deixa o corpo deformado?”: 69 pessoas responderam inicialmente “Sim” e, ao final, esse número foi reduzido para 38. A décima pergunta continha o seguinte questionamento: “Quem recebe um órgão passa a apresentar os mesmos comportamentos do doador?” Como resposta, 49 alunos assinalaram “Sim” antes da palestra e, depois, apenas 24 mantiveram o mesmo pensamento. Já em relação à pergunta “E quando a pessoa doa algum

órgão ainda em vida, o seu corpo sente a falta desse órgão que foi retirado?” 228 alunos opinaram que “Sim” e, no segundo questionário, somente 87 alunos.

Ademais, alguns questionamentos mais “polêmicos” tiveram pouca repercussão positiva após a exposição do tema. Ao analisar a pergunta “Você acha que existe um mercado negro dos órgãos?”, apenas 44 alunos mudaram de opinião após a palestra. Creditamos esse acontecimento a fatores sócio-político-culturais, principalmente ao atual descrédito em relação à organização política brasileira e à corrupção, infelizmente tão comum em nosso meio.

Outra pergunta que divergiu do resultado esperado foi “Em uma emergência, a prioridade será a doação de órgãos?” Nesse tocante, apenas 31 alunos alteraram suas respostas. Inferimos que esse resultado possa ter sofrido influência de dois fatores: ou a pergunta não foi elaborada de forma clara, abrindo espaço para ambiguidades, ou a resposta não foi exposta de maneira categórica aos alunos e suas dúvidas não foram completamente sanadas.

Por fim, duas perguntas, de extrema importância, foram abordadas: “É necessário possuir uma ‘carteirinha’ para ser doador?” 103 alunos responderam corretamente antes da palestra e esse número aumentou para 254 logo após; e “Minha família terá custos se eu for doador de órgãos?” 74 alunos acreditavam que sim e, ao final, esse número se reduziu a 10 alunos.

Após análise de todos esses dados conclui-se que o impacto que o Projeto produziu nos alunos foi positivo, visto que eles, de maneira geral, conseguiram assimilar grande parte das informações expostas e, conseqüentemente, modificaram suas respostas no questionário dois. No entanto, destaca-se também alguns contratempos enfrentados, como a

falta de material adequado para a apresentação de slides e a dificuldade de manter a atenção de um público tão grande e variado

Atividades adicionais, para celebração do Setembro Verde, também foram realizadas pelo projeto. Nessas intervenções, desempenhadas em locais públicos (Ex.: shoppings, praças, supermercados), foram montados stands com banners e distribuímos folders, graças às quais a comunidade encontrou informações simples e acessíveis sobre a doação de órgãos, de maneira a esclarecer dúvidas e estimular o diálogo nas famílias. Dessa maneira, conseguiu-se alcançar um maior número de pessoas a serem conscientizadas, não podendo ser mensurado o impacto que tal ato promoveu na comunidade, sobretudo no que respeita à memória de longo prazo quanto ao aprendizado e/ou conscientização realizados.

**Figura 3** – Registros fotográficos das intervenções em locais públicos



Fonte: Projeto de Extensão “Doação de Órgãos: um diálogo que pode salvar vidas” (2019).

Com o intuito de ultrapassar as barreiras do município de Campina Grande, os extensionistas se empenharam na criação de uma conta na

rede social online Instagram, ideia que proporcionou um canal direto de comunicação com a comunidade. Semanalmente, cada aluno era responsável pela publicação de algum conteúdo educativo sobre o tema, além de vídeos, posts comemorativos e curiosidades.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doação de órgãos ou de tecidos é um ato pelo qual manifestamos a vontade de doar uma ou mais partes do nosso corpo para melhorar e/ou salvar a vida de outras pessoas. No Brasil, a vontade do doador falecido deve ser declarada única e exclusivamente através de sua família. Parte daí a importância do diálogo sobre o assunto, ainda em vida, de maneira que o processo doação-transplante seja mais rápido, aumentando as chances de sucesso.

Fica claro, a partir dessa pesquisa, que a simples divulgação de informações já provoca uma melhora na intenção de uma possível doação. Portanto, o objetivo principal do Projeto, que era conscientizar a população de maneira que o número de doadores efetivos possa aumentar, pelo menos potencialmente, foi alcançado – o que, para fins de confirmação sobre a eficácia da educação, em transplantes de órgãos, necessitaria de estudo longitudinal, o que foge ao escopo de um Projeto de Extensão.

Entretanto, ainda existem muitos desafios a serem enfrentados, apesar de a taxa de efetivação dos transplantes haver aumentado no terceiro trimestre de 2019, ainda estamos distantes da meta para aquele ano, segundo o último relatório do Registro Brasileiro de Transplantes. Por esse motivo, destacamos a importância de ações educativas com esse intuito, pois é somente através da informação que conseguiremos aumentar o número de pessoas pró-doação de órgãos.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS – ABTO. Dimensionamento dos transplantes no Brasil e em cada estado (2010-2017). **Registro Brasileiro de Transplantes (RBT)**, Ano XXIII, n. 4, 2017.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS – ABTO. Dimensionamento dos transplantes no Brasil e em cada estado (2011-2018). **Registro Brasileiro de Transplantes (RBT)**, Ano XXIV, n. 4, 2018.
- GARCIA, C. D.; PEREIRA, J. D.; GARCIA, V. D. (org). **Doação e transplante de órgãos e tecidos**. São Paulo: Segmento Farma, 2015.
- JESUS, E. L. S. **Motivos de recusa familiar a doação de órgãos e tecidos: revisão integrativa**. 2019. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Enfermagem) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2019.
- MORAIS, T. R.; MORAIS, M. R. Doação de órgãos: é preciso educar para avançar. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 95, p. 633-639, out./dez. 2012.
- ABTO. **O processo de doação-transplante**. Campos do Jordão, 2003. Disponível em: [http://www.sbccv.org.br/residentes/downloads/area\\_cientifica/processo\\_doacao\\_org\\_aos.pdf](http://www.sbccv.org.br/residentes/downloads/area_cientifica/processo_doacao_org_aos.pdf). Acesso em: 18 mar. 2019.
- QUINTANA, A. M.; ARPINI, D. M. Doação de órgãos: possíveis elementos de resistência e aceitação. **Bol. psicol.**, São Paulo, v. 59, n. 130, p. 91-102, jun. 2009.



Av. Tenente Raimundo Rocha nº 1639  
Bairro Cidade Universitária – Juazeiro do  
Norte – Ceará – CEP 63048-080

[ufca.edu.br](http://ufca.edu.br)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).



[proex.ufca.edu.br](http://proex.ufca.edu.br)

[periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/entreacoes](http://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/entreacoes)

+55 (88) 3221-9286

e-ISSN 2675-5335